

revista de comunicação,
jornalismo e espaço público

1

mediapolis

Periodicidade

Semestral

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

tema

os *media* e a construção
de personagens



Ana Teresa Peixinho

Professora da Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra e membro do Centro de Estudos

Interdisciplinares do Século XX.

(apeixinho71@gmail.com)

Recensão Crítica

LITS, M. (2008). *Du Récit au Récit Médiatique*. Bruxelles: DeBoeck. (235 pp.)

A narrativa é o modo discursivo privilegiado de construção do mundo e da experiência, sendo incontestável a sua importância na edificação das sociedades, na estruturação do pensamento e na definição das identidades do mundo atual. Deste modo a define Paul Ricoeur, quando afirma que “existe entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural.” (Ricoeur, 1987: 85).

O estudo da narrativa mediática, como tipo narrativo dominante, é uma tarefa complexa que exige a mobilização de um conjunto variado de ferramentas e a articulação de múltiplas áreas do saber, quer porque a narrativa seja um fenómeno transversal, quer porque os objetos mediáticos sejam muito heterogêneos.

Na verdade, trata-se de uma área que, por um lado, incorpora contributos que vão desde a linguística aos estudos de discurso, da sociologia às ciências cognitivas ou aos estudos literários, e, por outro, tem como objeto uma grande variedade de géneros materializados em materiais e suportes

diferenciados: das reportagens televisivas às notícias de imprensa; dos filmes às séries; da publicidade à crónica de rádio.

Estranhamente, os estudos narrativos parecem ser, sem dúvida, uma das áreas mais carenciadas em Portugal ao nível dos estudos sobre *media* e jornalismo, embora sejam indiscutivelmente uma das áreas mais relevantes, sem a qual não se conseguem perceber os fenómenos de produção e de receção dos produtos mediáticos. Na linha de Barthes, para quem o estudo da narrativa deveria constituir um dos mais importantes inquéritos às sociedades humanas (Barthes, 1968), entende-se que a compreensão do modo como as narrativas foram evoluindo e se adaptaram aos formatos da sociedade de massas é essencial para o estudo das relações entre sociedade e indivíduo.

A obra que agora se apresenta, datada já de 2008 e infelizmente ainda não traduzida para português, consegue de um modo muito claro propor uma reflexão alicerçada nessas três vertentes: a da variedade dos objetos em análise, a da necessária interdisciplinaridade das abordagens e a das complexas relações entre mensagens

e utilizadores. Dividida em cinco capítulos, *Du Récit au Récit Médiatique* começa por desenhar um quadro histórico do relevo ocupado pela narrativa na construção das sociedades e do imaginário humanos: do mito à lenda, do conto ao fait-divers, Marc Lits revisita um conjunto de géneros narrativos para demonstrar como, mesmo em pleno século XXI, sob formas narrativas mais sofisticadas, o mito, enquanto alicerce da nossa cosmovisão, se encontra reinventado. Ora, se na Antiguidade eram os mitos as grandes narrativas estruturantes da civilização, atualmente os grandes produtores de narrativas são os *media*. Responsáveis pelo modo como organizamos o mundo, como geramos imagens do real, como articulamos e lemos a sua complexidade, as narrativas mediáticas – ficcionais ou factuais – produzem crenças sociais, ditam normas de conduta, disseminam estereótipos e fornecem-nos imagens dos outros. Podemos mesmo afirmar, em consonância com alguns autores, que o mundo a que temos acesso se constrói necessariamente de acordo com certos princípios narrativos, pois que o nosso pensamento, as nossas

estruturas mentais e o nosso conhecimento se processam por meio da narrativa. Desde os folhetins televisivos, aos reality-shows, passando pelas rubricas desportivas da imprensa ou pelos videogames, aquilo que os *media* hoje nos oferecem é um conjunto de narrativas, em que a ficção e a factualidade se hibridizam, matizando perigosamente as suas fronteiras. Conclui o autor que o conhecimento do funcionamento destas narrativas é crucial para a desejável atitude crítica do recetor face às produções narrativas mediáticas que consome.

Feito este enquadramento, nos capítulos seguintes, o professor belga propõe-se estudar as narrativas mediáticas nas suas três dimensões comunicativas: enquanto resultado de modos de produção específicos; enquanto objeto apropriado por atores sociais concretos em específicos contextos de receção; e como produto de um conjunto de procedimentos de que o conceito de narratividade nos dá conta. Na senda de abordagens mais recentes e refutando os limites da teoria estruturalista, Marc Lits perspetiva a narrativa mediática como objeto sociodiscursivo mediador cuja

análise e compreensão devem assentar nas condições de produção e receção. Ora, é precisamente essa análise que se desenvolve nos terceiro e quarto capítulos da obra, dedicados, respetivamente, à análise da receção narrativa e à compreensão das principais categorias que a constroem.

Revisitando as principais teorias de abordagem à narratividade, o autor assume o distanciamento crítico em relação às correntes estruturalistas, para as quais o texto narrativo era um objeto fechado, composto por funções que dependiam exclusivamente de si próprias, para seguir a via da hermenêutica ricoeuriana.

A pós-modernidade trouxe consigo, de facto, um conjunto de correntes de pensamento que investiram na relativização de todos os conceitos. Recorde-se que, no início da década de 60, Umberto Eco dá à estampa a sua afamada *Obra Aberta*, um dos seus livros mais disruptivos, dedicado à teoria estética contemporânea em que se concede um lugar de destaque a produtos da cultura de massas, como a televisão, os cartoons e o cinema. Eco propõe o conceito de abertura textual, no sentido em que as obras

de arte proporcionam a cada releitura uma fruição estética crescente e sempre renovada. Daí a ênfase acentuada sobre o papel desempenhado pelo recetor – leitor, espectador ou ouvinte - na experiência estética: “um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade comunicativa concreta, mas também da própria potencialidade significativa”, afirma o semiólogo italiano, reconhecendo a importância da leitura como fator determinante da existência do texto. Estava trilhado o caminho para a valorização da receção na compreensão dos objetos comunicativos. Sabe-se hoje o quanto os Estudos Narrativos, sobretudo nos últimos anos, têm insistido nas abordagens cognitivistas: autores de referência como Jens Edder ou Fotis Jannidis têm dedicado parte das suas investigações precisamente à valorização da vertente recetiva na compreensão do funcionamento de algumas categorias narrativas. Já no final da década de 80, Gerald Prince apresenta uma abordagem ao conceito de narratividade que se compagina precisamente com a valorização da instância de receção: “a narratividade

A compreensão do modo como se estruturam e funcionam as narrativas dominantes da contemporaneidade é absolutamente central, para que se percebam as relações entre produtores e recetores de narrativas

de um texto depende da medida em que o texto concretiza a expectativa do recetor, representando totalidades orientadas temporalmente (...) significativas em termos de um projeto humano e de um universo humanizado.” (Prince, 1987: 160).

Marc Lits, embora não refira a corrente cognitivista, que conheceu desenvolvimentos sobretudo em anos mais recentes, opta por uma análise complexa do trabalho do leitor e do seu efeito no texto, a partir de várias perspetivas: semiótica, sociológica e estética. Contudo, não deixa de nos alertar para os riscos de um excessivo enfoque no potencial interpretativo da leitura, que pode conduzir a derivas populistas ou a ilusões emancipatórias. Assim, o capítulo seguinte da obra é precisamente dedicado à construção da narrativa e às suas categorias essenciais, nomeadamente o tempo e a personagem, nas quais o autor se concentra de modo mais circunstanciado. As opções do narrador, em termos de perspetiva, de gestão temporal e de figuração de personagens, são absolutamente decisivas, segundo Lits, para a orientação ideológica do leitor, conferindo os limites

de que a abertura excessiva da receção carece: a retórica e a estilística, quer num texto literário, quer em narrativas informativas dos *media*, determinam a perceção do leitor. Parece-nos importante que o autor tenha concedido especial relevância à personagem num trabalho dedicado às narrativas mediáticas, uma vez que entendemos dever ser esta objeto central de reflexão, nomeadamente em termos das suas potencialidades transliterárias e transmediáticas.

Deste modo, a compreensão do modo como se estruturam e funcionam as narrativas dominantes da contemporaneidade é absolutamente central, para que se percebam as relações entre produtores e recetores de narrativas. No último capítulo da obra, ao apresentar uma visão geral do debate sobre a relação entre os *media* e os seus públicos, o autor assume uma posição matizada, considerando que, no período pós-moderno, a influência dos *media* na sociedade é inegável: eles constroem as nossas identidades individuais e coletivas e estabelecem debates públicos, condição *sine qua non* do funcionamento da democracia. O domínio absoluto da

narrativa hipertextual, essencialmente construída numa lógica intertextual e multimedial, veio, na última década, transformar a nossa relação com a realidade. Recorrendo aos prenúncios de Guy Debord, sobre a civilização do espetáculo, Lits reflete sobre a transformação radical dos suportes tecnológicos e dos nossos quadros de referência que arrastam necessariamente uma recomposição dos modos de organização narrativa e dos papéis dos agentes no sistema mediático. Consciente do papel disruptivo dos novos *media* – sobretudo a WEB – Marc Lits sublinha a urgente alteração dos modelos de análise, propondo a criação de uma “hipernarratologia mediática” que permita analisar tais objetos complexos, como as histórias dos *media* de hoje, problematizando o sensacionalismo e o enfraquecimento de fronteiras entre o real e o virtual.

Escrito numa linguagem muito clara e estruturado de um modo legível, este livro tem sobretudo uma importante componente didática: organizado, como vimos, em cinco capítulos, oferece ao leitor um estado da arte muito completo sobre a aplicação dos estudos narrativos ao campo de estudos dos

media, abrindo inúmeras pistas para posteriores investigações. Cada capítulo termina com uma síntese e com um conjunto de sugestões bibliográficas sobre cada subtema abordado. Tem a grande vantagem de apresentar inúmeros exemplos concretos, inspirados nos produtos mediáticos atuais, a partir dos quais o autor ilustra as reflexões teóricas, suportadas num vasto conjunto de leituras assinaladas na bibliografia final.

Esta obra parece-nos, assim, especialmente importante para estudantes de Comunicação, embora também tenha todas as qualidades científicas para reunir o interesse de investigadores de ciências sociais e humanas que necessitem de entender o funcionamento das narrativas mediáticas no nosso quotidiano. Finalmente, julgamos que seria importante a sua tradução para língua portuguesa, dada a quase inexistência de estudos do género no panorama editorial nacional.

Referências Bibliográficas:

- BARTHES, R. (1966). “Introduction à l’Analyse Structurale des Récits”. In: *Communications*, N.º8, pp. 1-27.
- PRINCE, G. (1987). *Narratology. The Form and Functioning of Narrative*. Berlin / New York: Mouton Publishers.
- RICOEUR, P. (1987). *Temps et Récit*. Paris: Seuil.